Lição 11: A filosofia natural demonstra a partir de todas as quatro causas

Bekker: 198 a 22-b 9

> *A FILOSOFIA NATURAL DEMONSTRA A PARTIR DE TODOS OS QUATRO GÊNEROS DE CAUSAS*

241. Tendo tratado das causas, o Filósofo mostra aqui que o filósofo natural demonstra a partir de todas as causas.

Sobre isso, ele faz dois pontos. Primeiro, ele declara sua intenção. Em segundo lugar, onde ele diz: 'As três últimas...' (198 a 25 #241), ele explica sua posição.

Diz, portanto, primeiramente que, visto que há quatro causas, como foi dito acima [L10 #239ss], cabe à ciência natural tanto conhecer todas elas quanto demonstrar naturalmente por meio de todas elas, reduzindo a questão do 'porquê' a cada uma das causas mencionadas, ou seja, a forma, a causa motriz, o fim e a matéria.

Em seguida, onde ele diz: 'As três últimas...' (198 a 25), ele explica sua posição. Sobre isso, ele faz dois pontos.

Primeiro, ele expõe certas coisas necessárias para esclarecer sua posição. Em segundo lugar, onde ele diz: 'A questão...' (198 a 32 #244), ele prova sua posição.

Quanto ao primeiro ponto, ele expõe duas coisas necessárias para a prova do que se segue. A primeira trata da relação das causas entre si. A segunda trata da consideração da filosofia natural, e é dada onde ele diz '... e assim também em geral...' (198 a 27 #243).

242. Ele diz, portanto, primeiramente que frequentemente acontece que três das causas se combinam em uma só, de modo que a causa formal e a causa final são uma em número.

Isso deve ser entendido como se aplicando à causa final da geração, não, contudo, à causa final da coisa gerada. Pois o fim da geração do homem é a forma humana, mas essa forma não é o fim do homem. Antes, por meio dessa forma, o homem age em direção ao seu fim.

Mas a causa motriz é a mesma que ambas, segundo a espécie. E isso é verdade especialmente nos agentes unívocos, nos quais o agente produz algo semelhante a si mesmo segundo a espécie, como o homem gera o homem. Pois nesses casos, a forma do gerador, que é o princípio da geração, é a mesma em espécie que a forma do gerado, que é o fim da geração. Contudo, nos agentes não unívocos, a espécie [*ratio*] é diferente. Pois nesses casos, as coisas que vêm a ser não podem alcançar o ponto em que seguem a forma do gerador segundo o mesmo tipo [*ratio*] de espécie. Antes, participam de alguma semelhança com ela, na medida em que são capazes, como é claro naquelas coisas que são geradas pelo sol. Portanto, o agente nem sempre é o mesmo em espécie que a forma que é o fim da geração, e, além disso, nem todo fim é uma forma. E por causa disso, é significativo que ele tenha dito 'frequentemente'.

A matéria, contudo, não é nem a mesma em espécie nem a mesma em número que as outras causas. Pois a matéria como tal é ser em potência, enquanto o agente como tal é ser em ato, e a forma ou o fim é ato ou perfeição.

243. Em seguida, onde ele diz: 'e assim também...' (198 a 27), ele faz seu segundo ponto, que trata das coisas que a filosofia natural deve tratar.

Ele diz que cabe à filosofia natural considerar quaisquer motores que movem de tal modo que são movidos. Coisas, contudo, que movem, mas não são elas mesmas movidas, não pertencem à consideração da filosofia natural, que considera propriamente as coisas naturais que têm em si mesmas um princípio de movimento. Pois os motores que não são eles mesmos movidos não têm em si mesmos um princípio de movimento, visto que não são movidos, mas são imóveis. Assim, não são coisas naturais e, como resultado, não caem sob a consideração da filosofia natural.

Portanto, é evidente que existem três ramos de estudo, ou seja, o estudo e a intenção da filosofia são triplos, conforme os três gêneros de coisas que se encontram.

Pois algumas coisas são imóveis, e um estudo filosófico trata delas. Outro estudo filosófico trata das coisas que são móveis, mas incorruptíveis, como os corpos celestes. E há um terceiro estudo filosófico que trata das coisas que são móveis e corruptíveis, como os corpos inferiores.

O primeiro desses estudos pertence à metafísica, enquanto os outros dois pertencem à ciência natural, que trata de todas as coisas móveis, tanto corruptíveis quanto incorruptíveis.

Por isso, alguns interpretaram mal esta passagem, desejando reduzir esses três estudos às três partes da filosofia, a saber, matemática, metafísica e física. Pois a astronomia, que parece considerar as coisas móveis incorruptíveis, pertence mais à filosofia natural do que à matemática, como foi dito acima [L3 #164-5]. Pois, na medida em que aplica princípios matemáticos à matéria natural, ela considera coisas móveis. Portanto, essa divisão é feita de acordo com a diversidade das coisas existentes fora da mente, e não de acordo com a divisão das ciências.

244. Em seguida, onde ele diz: 'A questão "por quê"...' (198 a 32), ele expõe sua posição.

Sobre isso, ele faz dois pontos. Primeiro, mostra que pertence à filosofia natural considerar todas as causas e demonstrar por meio delas. Esses são os dois pontos que ele propôs acima [#241]. Segundo, onde ele diz: 'Devemos explicar...' (198 b 10; L12 #250), ele prova certas coisas que são

assumidas neste argumento.

Sobre a primeira parte, ele faz dois pontos. Primeiro, mostra que a filosofia natural considera todas as causas. Segundo, onde ele diz: 'Devemos explicar...' (198 b 4 #246), ele mostra que ela demonstra por meio de todas elas.

Sobre a primeira parte, ele faz dois pontos. Primeiro, mostra que a filosofia natural considera a matéria, a forma e a causa motriz. Segundo, onde ele diz: '... a essência daquilo...' (198 b 3 #246), ele mostra que ela considera o fim.

Sobre a primeira parte, ele faz dois pontos. Primeiro, declara sua intenção e, segundo, a prova, onde diz: 'Pois com respeito a...' (198 a 33 #245).

Primeiro, ele conclui do que foi dito acima que o 'por quê' é atribuído às coisas naturais com referência à matéria, ao que a coisa é, isto é, a forma, e ao primeiro motor.

245. Em seguida, onde ele diz: 'Pois com respeito a...' (198 a 33), ele prova sua posição da seguinte forma.

Foi dito [#243] que a filosofia natural considera aquelas coisas que são movidas, tanto as geráveis quanto as corruptíveis. Portanto, tudo o que deve ser considerado sobre a geração deve ser considerado pela filosofia natural. Mas, com referência à geração, deve-se considerar a forma, a matéria e a causa motriz.

Aqueles que desejam considerar as causas da geração as consideram da seguinte forma. Primeiro, consideramos o que é que vem a ser depois de algo, como o fogo vem a ser depois do ar, pois o fogo é gerado a partir do ar. E, dessa forma, a forma, pela qual o gerado é o que é, é considerada.

Em seguida, consideramos o que é que primeiro faz [isto], isto é, consideramos aquilo que primeiramente move à geração. E esta é a causa motriz.

Em seguida, consideramos o que é que sofre essa mudança. E isto é o sujeito e a matéria.

Tendo em vista a geração, consideramos não apenas o primeiro motor e o primeiro sujeito, mas também aquelas coisas que são consequentes a eles. E assim fica claro que compete à filosofia natural considerar a forma, o motor e a matéria.

No entanto, a filosofia natural não considera todo motor. Pois há dois tipos de princípios motores, a saber, o movido e o não movido. Ora, um motor que não é movido não é natural, porque não possui em si um princípio de movimento. E tal é o princípio motor que é totalmente imóvel e o primeiro de todos os motores, como será mostrado no Livro VIII [L9 & 13].

246. Em seguida, onde ele diz: 'a essência daquilo que...' (198 b 3), mostra que a filosofia natural também considera o fim.

Ele diz que a forma e aquilo que a coisa é também caem sob a consideração da filosofia natural, na medida em que o fim é aquilo em vista do qual a geração ocorre. Pois foi dito acima [#242] que a

forma e o fim coincidem na mesma coisa. E uma vez que a natureza age em vista de algo, como será provado adiante [L12 #250], deve pertencer à filosofia natural considerar a forma não apenas enquanto é forma, mas também enquanto é o fim. Se, contudo, a natureza não agisse em vista de algo, então a filosofia natural consideraria a forma enquanto é forma, mas não enquanto é um fim.

247. Em seguida, onde ele diz: 'Devemos explicar...' (198 b 4), mostra como a filosofia natural demonstra por meio de todas as causas.

Primeiro, mostra como ela demonstra por meio da matéria e da causa motora, que são as causas anteriores na geração. Em segundo lugar, onde ele diz: '... que isso deve ser assim...' (198 b 7 #248), mostra como ela demonstra por meio da forma. Em terceiro lugar, onde ele diz: '... porque é melhor...' (198 b 8 #249), mostra como ela demonstra por meio do fim.

Ele diz, portanto, primeiro que nas coisas naturais o 'porquê' deve ser elaborado completamente, isto é, em todo gênero de causa. Assim, se algo veio antes, seja a matéria ou o motor, então algo se segue necessariamente. Por exemplo, se algo é gerado a partir de contrários, é necessário que este último seja corrompido, e se o sol se aproxima do polo norte, os dias devem se alongar, e o frio deve diminuir e o calor aumentar para aqueles que habitam na parte setentrional.

Contudo, devemos perceber que nem sempre é necessário que algo se siga de uma matéria ou motor precedente. Antes, às vezes uma coisa se segue simplesmente ou em todos os casos, como nas coisas mencionadas. Mas às vezes uma coisa se segue na maioria dos casos, por exemplo, a partir do sêmen humano e de um motor na geração, segue-se na maioria dos casos que o que é gerado tem dois olhos, mas às vezes isso deixa de acontecer. Similarmente, pelo fato de a matéria estar assim disposta no corpo humano, acontece que uma febre é frequentemente produzida devido à supuração, mas às vezes isso é impedido.

248. Em seguida, onde ele diz: 'que isso deve ser assim...' (198 b 7), mostra como nas coisas naturais a demonstração deve ser feita por meio da causa formal.

Para entender isso, devemos saber que quando algo se segue das causas precedentes na geração (isto é, da matéria e do motor) por necessidade, então uma demonstração pode ser estabelecida, como foi dito acima [#247]. No entanto, uma demonstração não pode ser estabelecida quando algo se segue na maioria dos casos. Então, uma demonstração deve ser fundada naquilo que é posterior na geração, a fim de que algo possa se seguir de outro por necessidade, assim como a conclusão se segue das premissas de uma demonstração. Assim, procedamos na demonstração da seguinte forma: se isto deve vir a ser, então isto e aquilo são exigidos, por exemplo, se o homem deve ser gerado, é necessário que o sêmen humano seja um agente na geração.

Se, contudo, procedermos inversamente, dizendo que 'o sêmen humano é um agente na geração', então a proposição 'portanto, o homem será gerado' não se segue como uma conclusão se segue das premissas. Mas aquilo que deve vir a ser, isto é, aquilo em que a geração é terminada, era (como foi dito acima #242,246) 'o que a coisa era para ser', ou seja, a forma.

Portanto, fica claro que quando demonstramos segundo este modo, isto é, 'que "isso deve ser assim se aquilo for assim"' (198 b 7), demonstramos por meio da causa formal.

249. Em seguida, onde ele diz: '... porque é melhor...' (198 b 8), mostra como a filosofia natural demonstra por meio da causa final.

Ele diz que a filosofia natural às vezes também demonstra que algo é verdadeiro porque é melhor que seja assim. Por exemplo, poderíamos demonstrar que os dentes frontais são afiados porque, como tais, são melhores para cortar o alimento, e a natureza faz o que é melhor. A natureza, no entanto, não faz o que é melhor simplesmente, mas o que é melhor com referência ao que pertence a cada substância; caso contrário, a natureza daria uma alma racional, que é melhor do que uma alma irracional, a cada animal.

Revision #2
Created 27 September 2026 17:46:25 by Admin
Updated 1 October 2026 23:38:23 by Admin